

Status Quaestionis: Leituras contemporâneas em torno de Agostinho de Hipona e o gênero feminino do Império Romano Tardo-Antigo

Status Quaestionis: Contemporary readings around Augustine of Hippo and the female gender of the Late-Ancient Roman Empire

*Fabiano de Souza Coelho*¹

RESUMO

Agostinho (354-430 E.C.) foi bispo da cidade de Hipona, norte da África romana, e um dos maiores pensadores de seu tempo. Suas concepções e escritos marcaram tanto o Cristianismo de sua época quanto de momentos históricos posteriores. O presente trabalho tem como objetivo apresentar os estudos das últimas décadas a respeito de Agostinho de Hipona, suas relações com as mulheres e questões de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

Agostinho; Gênero; Mulheres.

ABSTRACT

Augustine (354 – 430 C.E.) was bishop in Hippo’s city, north of Roman Africa, being one of the greatest thinkers of his time. His conceptions and writings marked both the Christianity of his time and later historical moments. The present paper aims to present the studies of the last decades about Augustine of Hippo, his relations with women and gender issues.

¹ Doutor em História Comparada (PPGHC/IH/UFRJ).

KEYWORDS

Augustine; Gender; Women.

Agostinho de Hipona (354-430 E.C.)² ficou muito conhecido na história do mundo Ocidental pela forte influência de suas reflexões filosóficas, morais e teológicas e, também, por ter produzido uma extensa quantidade de obras. Ele debateu inúmeras temáticas em seus escritos e o conjunto de suas ideias serviu de base para a religião cristã de seu tempo e de períodos ulteriores. Além do mais, até nos dias atuais, o pensamento de Agostinho perdura no Cristianismo católico e em outras experiências religiosas cristãs. De fato, o bispo Agostinho, que outrora teve sua existência marcada pela presença feminina – mãe e companheira amorosa (concubina) –, tinha muita cautela ao lidar com as mulheres, pois no decorrer de sua vida, como uma autoridade eclesiástica católica, no norte da África romana, teve que ter uma postura de pastor e ser um arauto daquilo que considerava uma legítima moralidade cristã.

Agostinho propôs para sua congregação cristã algumas restrições ante a figura feminina, de modo particular para os seus clérigos e religiosos homens. Entretanto, isso não deixou o bispo de Hipona alheio às vicissitudes enfrentadas pelas mulheres de seu tempo e aquelas que ele considerava as mais nobres daquela sociedade. Em outras palavras, as relações pastorais e institucionais com o feminino vinculado à elite do Império Romano Ocidental na Antiguidade Tardia. Por seu turno, mesmo tendo reservas perante o público feminino, o bispo Agostinho entendeu que era importante ter boas relações com mulheres cristãs da aristocracia romana, dado que elas poderiam ser úteis em momentos oportunos e nos debates perante as querelas cristãs existentes em sua época³.

² Todas as datas deste trabalho são da Era Comum (E.C.), salvo quando expresso em contrário.

³ MARCOS SANCHEZ, M. M. *Las Mujeres de la Aristocracia Senatorial en la Roma del Bajo Imperio (312-410)*. Tesis Doctoral – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Cantabria, Santander, 1990, p. 444.

Dessa forma, em uma compreensão que consideremos culturalista e ao recuarmos nos últimos decênios para analisarmos a literatura existente, na segunda metade do século XX e na primeira parte do XXI, em relação aos estudos de Agostinho de Hipona, problemas de gênero e suas relações com às mulheres cristãs abastadas no Império Romano dos séculos quarto e cinco⁴, identificaremos uma considerável historiografia internacional e nacional.

Primeiramente, no período após a Segunda Guerra Mundial, na Europa, o historiador francês, Henri-Irénée Marrou, apresentou para sociedade seu trabalho clássico *Saint Augustin et l'augustinisme*, em 1955 – traduzido em nosso país com título *Santo Agostinho e o agostinismo*, em 1957. Esse empreendimento *Santo Agostinho e o agostinismo* foi resultado de questões pessoais de H.-I. Marrou e de seu tempo⁵. Entretanto, ele não foi tão ousado como em outros trabalhos ulteriores, porque não percebemos a problematização das fontes escritas por Agostinho. Por outro lado, Marrou oferece uma contribuição que nos ajuda a entender o ambiente desse homem religioso cristão e suas relações sociais no mundo romano antigo.

Outrossim, podemos elencar o amplo e valioso trabalho do irlandês, Peter Robert Lamont Brown, nomeado de *Augustine of Hippo: A Biography*, publicado em 1967 e reeditado no final da década de 1990 – a edição brasileira foi traduzida como *Santo Agostinho: uma biografia*, a partir de 2005. No que lhe diz respeito, Peter Brown, com uma consistente habilidade histórica, no decorrer de sua vida profissional, pesquisou a transição da Antiguidade para o Mundo Medieval e as manifestações

⁴ Não podemos deixar de salientar que, nessa sociedade romana na Antiguidade Tardia, apenas uma pequena parcela da população era letrada. Assim, o nosso objeto de investigação corresponde a uma elite intelectual do Império Romano nessa época.

⁵ Marrou teve uma cristalina formação católica e acadêmica na França e era especialista em Cristianismos na Antiguidade, Agostinho de Hipona, Educação no Mundo Antigo e Filosofia da História. Também, além de militante religioso, foi engajado na política de sua época – atuou em sindicatos de professores, lutou contra a tortura na guerra da Argélia e os movimentos de extrema-direita da Europa. Além do mais, Marrou já tinha publicado anteriormente outro trabalho a respeito de Agostinho, em 1938, intitulado *Saint Augustin et la fin de la culture antique*, que compilou temas da carreira intelectual desse autor cristão.

religiosas cristãs no mundo Tardo Antigo. Em particular, com enfoque em tais temáticas: retórica romana, o culto aos santos – Agostinho de Hipona –, as representações do corpo e sexualidade humana, riqueza e pobreza. Igualmente, Peter Brown vislumbrava os acontecimentos históricos numa perspectiva pouco positivista, menos política, com enfoque em aspectos socioculturais, visto que sofreu expressiva influência da historiografia francesa dos *Annales*⁶.

Assim, em *Santo Agostinho: uma biografia*, ao fazer uso de escritos do bispo de Hipona, Peter Brown reconstrói de forma sistematizada, para o mundo acadêmico, a vida desse personagem cristão católico na Antiguidade Tardia, em cinco partes, desde seu nascimento até sua morte na África romana. Constatamos, nessa obra, as relações entre Agostinho e o gênero feminino – singularmente temos uma seção sobre a relação com a sua mãe e uma mulher, quando era ainda um jovem professor, que viveu um concubinato.

Esse trabalho sobre a biografia de Agostinho de Hipona foi um complemento de uma série de artigos que vinha sendo publicada por Peter Brown, a partir do início dos anos 1960, sobre os contextos socioreligiosos do mundo romano dos séculos IV-V, compilados em *Religion and Society in the Age of the Saint Augustine*⁷.

Ainda podemos testificar dois trabalhos filosófico-teológicos a respeito da vida de Agostinho, elaborados por dois pesquisadores católicos da Ordem de Santo Agostinho. Em 1974, o agustinólogo espanhol, Victorino Capánaga, em *Agustín de Hipona: Maestro de la conversión*

⁶ Nomeada por muitos como “[...] ‘escola dos *Annales*’, o grupo de historiadores liderados por Bloch e Febvre se constituiu, antes de tudo, como um movimento. Uma sensibilidade, um conjunto de estratégias voltadas para combater o tipo de história predominante no século XIX e início do XX. [...] Febvre e Bloch combatiam, pois, uma história somente preocupada com os fatos singulares, sobretudo com os de natureza política, diplomática e militar. Combatiam uma história que, pretendendo-se científica, tomava como critério de cientificidade a verdade dos fatos, à qual se poderia chegar mediante a análise de documentos verdadeiros e autênticos. [...] Febvre e Bloch combatiam, enfim, uma história que se furtava ao diálogo com as demais Ciências Humanas, a antropologia, a psicologia, a linguística, a geografia, a economia e, sobretudo, a sociologia [...]” (VAINFAS, 2002, p. 16-17).

⁷ INGLEBERT, H. Peter Brown. In: SALES, V. (Org.). *Os historiadores*. São Paulo: Unesp, 2011, p. 395.

cristiana, refletiu questões psicológicas do bispo de Hipona – suas inquietações particulares, gêneses de uma espiritualidade e o processo de adesão definitiva à experiência cristã católica. Uma outra tentativa biográfica agostiniana foi a do italiano Agostino Trapè, em *S. Agostino: L'uomo, il pastore, il místico*. Portanto, em 1976, o agustinólogo Trapè expõe o homem, o pastor, o místico e os últimos anos de Agostinho de Hipona.

Por sua vez, o francês Adalbert Gauthier Hamman, especialista em estudos Patrísticos e Antiguidade cristã, no ano 1979, elaborou a *La vie quotidienne en Afrique du Nord au temps de Saint Augustin* – traduzido como *Santo Agostinho e seu tempo*, em 1989. Adalbert Hamman, ao fazer a utilização dos escritos agostinianos em três partes, remonta o ambiente cotidiano de Agostinho no norte da África romana, inclusive a experiência religiosa ascética cristã vivenciada por homens e mulheres da elite romana.

Igualmente, o estadunidense Allan D. Fitzgerald, investigador do pensamento agostiniano e editor da revista *Augustinian Studies*⁸, no final da década de 1990 e em meio à conjuntura de intensos estudos das manifestações cristãs na Antiguidade nas Universidades Protestantes e Católicas da América do Norte, dirigiu a compilação do *Augustine through the ages: an Encyclopedia* – um consistente trabalho a respeito de Agostinho, no qual temos reunidos pesquisadores do mundo que estudam e/ou estudaram o impacto das ideias do Hiponense na sociedade de seu tempo e no decurso dos séculos. Allan Fitzgerald nos apresenta nesse dicionário amplas comunicações de centenas de renomados pesquisadores internacionais, com temáticas de suma importância para o entendimento do pensamento, escritos, influências e a autoridade de Agostinho de Hipona – há em torno de quinhentos artigos organizados em ordem alfabética. Exclusivamente, existem reflexões sobre ascetismo, casamento, epistolário agostiniano, heterodoxias, monacato, virgindade, viúvas, etc. No entanto, nesse dicionário, verificamos uma

⁸ Esse periódico foi criado pelo Instituto Agostiniano da Universidade de Vilanova, no ano 1970, em Pensilvânia, nos EUA. Então, essa revista acadêmica tem como objetivo apresentar trabalhos acerca da vida, ensino e influências de Agostinho de Hipona, exclusivamente, no campo da teologia, filosofia e história.

desigualdade de vocábulos sobre mulheres cristãs em relação aos homens cristãos.

Além disso, nessa magna empreitada de Allan Fitzgerald, encontramos importantes contribuições contemporâneas de especialistas em período Patrístico, renúncias sexuais cristãs e estudos das mulheres nas comunidades eclesiais cristãs e gênero, a conhecer: Elizabeth A. Clark, David G. Hunter, Mark Vessey, Robert A. Markus.

Em anos posteriores, o britânico Henry Chadwick elaborou a obra *Augustine of Hippo: a life*, em 2009. Pesquisador da história do início da Igreja, em Oxford, Chadwick escreveu, com base em seu contexto filosófico e histórico, sobre a vida de Agostinho de Hipona, e, com isso, percebemos que ele manipulou de forma erudita as fontes agostinianas. Henry Chadwick refletiu a respeito de Agostinho dando ênfase em sua experiência eclesial no norte da África romana e nas manifestações religiosas cristãs e não cristãs que o permearam, nos séculos quarto e quinto. Entretanto, verificamos que Chadwick dedica pouco espaço nesse trabalho às relações do bispo de Hipona com as mulheres cristãs, pois se empenha mais em problematizar as obras clássicas – a título de exemplo: *Confissões, A Verdadeira Religião, A Cidade de Deus, A Trindade* – e sua associação com a realidade institucional do episcopado em Hipona.

Ademais, a Ordem dos Agostinianos Recoletos, em Madri, na Espanha, em 1956, lançou a revista *AVGVSTINVS*⁹. Preferencialmente, os trabalhos dessa revista versam sobre elementos históricos e culturais de Agostinho de Hipona, em sua época e ao longo dos séculos. Os primeiros volumes da revista *AVGVSTINVS* eram apresentados trimestralmente e, mais recentemente, esse periódico tem publicações semestrais, contando com mais de sessenta volumes. Nessa revista, são reunidos artigos de pesquisadores de Agostinho de vários seguimentos científicos do mundo – intitulado por eles de “Agustinólogos” – e publicado em língua espanhola.

Podemos relatar que esse periódico contém muitos títulos provenientes das reflexões a respeito do pensamento de Agostinho em Oxford

⁹ A Revista *Avgvstinvs* foi criada pelos padres agostinianos recoletos da Espanha, em meio às comemorações e celebrações do 16º Centenário de nascimento de Agostinho, em 1956.

e dos debates dos Congressos Internacionais de Estudos Patrísticos, que aconteceram nas décadas de 1980 e 1990. Há artigos que abordam conteúdos em relação ao papel da mulher cristã, feminismo, casamento, sexualidade, continência, ascese, virgindade, vida monástica, estudo do epistolário e viuvez. Além disso, na *AVGVSTINVS*, temos significativos trabalhos que fazem comparações e relações do pensamento de Agostinho com outros autores eclesiásticos da Patrística.

Ademais, a Biblioteca de Autores Cristãos oferece ao público geral um conjunto de obras bilíngues – em espanhol-latim – que nos permitem conhecer melhor as fontes dos Cristianismos dos primeiros séculos. Dessa forma, ao organizar as *Obras Completas de San Agustín*, a BAC nos legou interessantes textos introdutórios dos escritos desses autores cristãos latinos, elaborados por especialistas das áreas de teologia, filosofia e história. Respectivamente em 1986, 1991 e 1993, o pesquisador espanhol Lope Cilleruelo García fez a introdução geral das *Cartas (1º)*, *Cartas (2º)* e *Cartas (3º)*, de Agostinho de Hipona – existe em torno de duzentos e setenta missivas –, e descreve a possível datação, local e temática de cada epístola desses tomos, sendo que cada empreendimento foi complemento do outro. Desta feita, esses dados nos ajudam a uma compreensão mais apurada do contexto histórico, do recorte temporal e daqueles que foram destinatários das cartas escritas por Agostinho de Hipona.

Os pesquisadores hispânicos José Rodríguez Díez e Pío de Luis Vizcaíno, associados à Ordem de Santo Agostinho, ao realizar a revisão, introdução e notas dos *Tratados morales* de Agostinho, em 2007, proporcionam um debate de qualidade a respeito do ambiente da confecção das fontes agostinianas, particularmente *De Bono Conjugali e Santa Virginitate*. Esses autores nos apontam de que forma podemos perceber as relações existentes entre Agostinho e as mulheres nesses tratados. Também eles apresentam uma significativa bibliografia que podemos consultar como subsídio ao entendimento histórico do bispo de Hipona e suas relações com o meio social.

Por sua vez, em 1983, o italiano Angelo Di Bernardino, após anos dedicados aos estudos dos Padres da Igreja e Cristianismos no Mundo Antigo, organizou o *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane* – traduzido no país como *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*,

nos anos 2000. Então, o historiador Di Berardino, em conjunto com diversos pesquisadores da antiguidade cristã e da patrística nos últimos decênios, associados ao *Institutum Patristicum Augustinianum*¹⁰ de Roma, produziram diversos textos que foram estruturados em verbetes que apontam personagens, doutrinas, fatos históricos, experiências cristãs, tendências culturais, geografias, liturgias, espiritualidades etc.

Nesse dicionário encontramos muitos vocábulos de valiosa importância para a investigação das representações do feminino do período chamado Patrístico, da vida monástica, e um melhor entendimento das experiências religiosas cristãs e suas conexões com a sociedade dos primeiros oito séculos de nossa era. Igualmente, mesmo que seja de forma resumida, encontramos verbetes nesse dicionário que descrevem as mulheres cristãs da aristocracia de Roma. Além do mais, nesse amplo empreendimento organizado por Di Berardino, podemos destacar as importantes contribuições de Jean Gribomont em torno das experiências ascéticas, monásticas e de renúncias sexuais de mulheres e homens cristãos no Império Romano Ocidental e Oriental, no decorrer do quarto e quinto séculos.

Ainda a respeito dos estudos de Agostinho de Hipona, ascetismo, renúncia sexual e as mulheres cristãs¹¹, temos o livro de Peter Brown, com título original *The Body and Society: Men, Women, and Sexual Renunciation in Early Christianity*, de 1988 – traduzido como *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*, em 1990. Em três partes, Peter Brown trata a questão da renúncia sexual nas experiências cristãs, as representações do corpo pelos cristãos dos primeiros séculos e dedica seções exclusivas a temas em torno das mulheres cristãs do século IV, monasticismo e Agostinho. Desse modo, de forma vasta P. Brown disserta em torno da problemática acerca da

¹⁰ O Instituto Patrístico Agostiniano é um organismo católico da Pontifícia Universidade Lateranense, que tem como objetivo a especialização e a pesquisa em teologia e ciências patrísticas. No ano 1969, esse Instituto foi fundado pela Ordem de Santo Agostinho e dedica-se a uma melhor compreensão do pensamento de Agostinho de Hipona através dos séculos. Para maiores informações a respeito do *Institutum Patristicum Augustinianum*, vide o seguinte site: <http://www.patristicum.org/it/>

¹¹ Peter Brown intitula essas mulheres cristãs romanas na Antiguidade Tardia de “[...] filhas de Jerusalém [...]” (BROWN, 1990, p. 220).

prática da renúncia sexual perene – o celibato, a continência e a virgindade dos homens e mulheres cristãos nos primeiros séculos –, ancorado nos escritos primários e epístolas de Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente na Antiguidade cristã.

A norte-americana Joyce E. Salisbury, a partir dos anos de 1980, dedicou-se a investigações das relações entre homens e mulheres nas comunidades cristãs dos primeiros séculos. Influenciada pelo movimento feminista, estudos dos ascetismos e o erudito debate da categoria de gênero nos EUA, Salisbury enfatizou as questões dos Padres da Igreja Latina em relação à sexualidade e em torno da virgindade, continência, vários tipos de renúncias e, portanto, as mudanças comportamentais, propostas por alguns desses autores eclesiásticos.

Em 1986, Joyce Salisbury publica *The Latin doctors of the Church on sexuality*, onde reflete a respeito da concepção e comparações de visões de sexualidade e renúncia sexual dos escritores da Igreja Tardo Antiga do Ocidente – em especial, Agostinho. Nessa obra, J. Salisbury explora o dualismo e a ambiguidade existente nas representações do mundo corporal/material e espiritual/imaterial feita por esse Padre Latino e, conseqüentemente, escreve acerca da interpretação negativa da sexualidade humana desse autor da Igreja, fundamentada nos textos religiosos associados à criação do ser humano pela divindade judaico-cristã. Além disso, nesse artigo, para a referida autora, a renúncia sexual das mulheres cristãs poderia proporcionar uma equidade de gênero entre homens e mulheres.

Mais uma vez, em 1991, Joyce Salisbury elabora *Church Father's, Independent Virgins* e disserta de forma ampla acerca das questões da sexualidade nos Padres do Ocidente – continência, celibato, virgindade, casamento – dando uma maior atenção ao feminino e às questões de gênero, representados nas fontes desses autores cristãos.

Nessa referida obra, foi proposta por Joyce Salisbury uma liberdade existente entre as mulheres aristocráticas cristãs e religiosas adeptas da renúncia sexual, em outras palavras, observamos que a referida autora nos propõe um tipo de “protofeminismo”¹² na Antiguidade. Igualmente,

¹² O feminismo é uma expressão cunhada em nossos dias atuais. Entretanto, a reivindicação de direitos e luta pela emancipação das mulheres sempre existiu no decorrer

Joyce Salisbury nos apresenta um capítulo intitulado: “a revolução sexual de Agostinho”. Destarte, a referida historiadora entendeu que o bispo de Hipona se difere dos primeiros Pais da Igreja no quesito sexualidade, pois rejeita o dualismo existente nos tratados morais dos outros Padres da Igreja. Para ela, Agostinho muda de forma drástica a maneira cristã de representar o sexo, porque a sexualidade não era uma imperfeição, infortuno associado ao gênero humano pelo pecado cometido por Adão e Eva, mas era parte do plano divino. Ademais, Agostinho não via a sexualidade como uma qualidade primordialmente feminina, opinião diferente dos primeiros Pais da Igreja.

Da mesma forma, a estadunidense Elaine Pagels, estudiosa das experiências cristãs nos primeiros séculos e das fontes consideradas gnósticas e apócrifas, trabalhou tais matérias em relação ao debate de gênero e sexualidade nos Cristianismos no Império Romano na Antiguidade. Em particular, ela teve um interesse na análise das fontes gnósticas provenientes da Biblioteca de Nag Hammadi¹³ para um melhor entendimento das origens das manifestações cristãs existentes no Mediterrâneo Antigo. Pagels foi também, por muitos anos, professora do Departamento de Religião da *Princeton University*.

No final da década de 1980, Pagels repensa os padrões tradicionais estabelecidos para os polos masculino e feminino, nos séculos quarto e quinto, em *Adam, Eve, and the Serpent: Sex and Politics in Early Christianity*. Nesse livro, a autora explora, no âmbito das tradições e escritos cristãos, a concepção de pecado original e associação de sexualidade ao

dos tempos, pois percebemos isso a cada momento que o feminino reconheceu o predomínio sociocultural masculino/patriarcal e quando os homens necessitaram de colaboração das mulheres para enfrentarem as vicissitudes existentes, em um dado momento histórico (SIRAGO, 1983, p. 1). Conseqüentemente, colocamos essa expressão “protofeminismo” (entre aspas), porque consideramos que tal palavra poderá receber críticas dos leitores deste trabalho, tendo em vista que o movimento feminista teve seu florescer na segunda metade do século XX. Por isso, acreditamos que não podemos ainda falar de feminismo na Antiguidade, mas apenas de um esboço de liberdade feminina.

¹³ Os textos gnósticos de *Nag Hammadi Library* são “[...] constituídos por um conjunto complexo de XIII códices, contendo cinquenta e dois textos, encontrado no Egito. Esses textos remontam ao período entre os séculos I a IV. Os documentos são escritos em copta e foram descobertos em 1945 por um camponês árabe, no Alto Egito, numa caverna chamada Nag Hammadi [...]” (ALEXANDRINA DA SILVA, 2015, p. 47).

pecado e as representações dos comportamentos de homens e mulheres na sociedade romana, que tinha tolerado e aderido às novas práticas religiosas cristãs. Na obra, Pagels aponta a visão pessimista da natureza humana do bispo Agostinho e como essa foi compartilhada e ratificada no Cristianismo católico do Ocidente. Em suma, essas questões foram esmiuçadas pela autora, embasada, particularmente, em textos bíblicos – Gênesis 1-3 –, escritos gnósticos e em obras do bispo de Hipona.

Ainda, o especialista em teologia dogmática e matrimonial de orientação católica, José Luis Larrabe, realizou uma extensa reflexão a respeito do casamento nas tradições judaicas e cristãs, nos textos bíblicos e no decorrer dos tempos, em seu livro *El matrimonio Cristiano y la familia*, em 1986. Mais concretamente, nas duas primeiras partes da obra, Luis Larrabe trata o casamento nos textos do Antigo e Novo Testamentos e, também, a virgindade e sua relação com o matrimônio, na visão dos escritores eclesiásticos latinos até a época de Agostinho de Hipona. Mesmo que esse trabalho tenha como base uma visão teológica, o autor mostra importantes elementos históricos e sociais, construídos pelos Padres Latinos a respeito de casamento e virgindade nos primeiros séculos de experiências cristãs e, de modo igual, aponta de que forma esses cristãos latinos representaram, na sociedade romana, os papéis de homens e mulheres naquele tempo.

O historiador Robert A. Markus, especialista em pensamento de Agostinho de Hipona e da história das experiências religiosas cristãs na época de passagem da antiguidade para o medievo, tem elaborado profícuas discussões para comunidade acadêmica a respeito desses conteúdos. Também, por muitos anos, Markus exerceu a docência na cadeira de História Medieval na Universidade de Nottingham, na Inglaterra, e orientou pesquisas e estudos internacionais no âmbito da história e filosofia. Como resultado de conhecimento acerca do pensamento dos Padres da Igreja, no ano de 1990, em *The End of Ancient Christianity*¹⁴, R. Markus versou sobre as mudanças existentes nas comunidades cristãs entre os séculos I ao VI, os processos identitários, movimentos ascéticos, estruturas de poder, privilégios e prestígios. Markus tratou muito pouco

¹⁴ Esse trabalho foi dedicado ao seu amigo, Peter Brown. Ainda também podemos testificar que Markus foi um dos defensores do conceito de *Late Antiquity*.

das figuras femininas nas congregações cristãs, mas ancora seu livro em diversificadas fontes de autores cristãos romanos dessa temporalidade, em especial, os escritos de Agostinho. Notamos que, em grande parte dessa obra, os escritos agostinianos permeiam a problematização dos conteúdos feita pelo autor, pois revela Agostinho ante as controvérsias de seu tempo e o espaço histórico diversificado onde estava inserido.

A norte-americana Elizabeth Ann Clark, versada nos estudos de religião e da História dos Cristianismos no Império Romano, Filosofia Helenista, adepta do movimento feminista desde os finais dos anos 1960 e do debate teórico na história, elaborou uma série de trabalhos em que reflete a respeito das mulheres na época Patrística – movimento ascético feminino, renúncia sexual e de argumentos da categoria de gênero nas comunidades cristãs na Antiguidade¹⁵. Entendemos que os empreendimentos de Clark em torno dessas temáticas foram profundamente afortunados, contribuíram de maneira relevante para as investigações desses conteúdos e para transformar o gênero feminino mais visível nos estudos das experiências cristãs no Mundo Antigo.

Em 1989, Elizabeth A. Clark, no ensaio *Theory and Practice in Late Ancient Asceticism: Jerome, Chrysostom, and Augustine*, pode aprofundar suas reflexões iniciadas dez anos antes, em um capítulo intitulado *Friendship Between the Sexes: Classical Theory and Christian Practice*. Nesse artigo, a autora pensa as relações de amizade espiritual entre os sexos masculino e feminino unidos por interesses semelhantes, ascetismos dos homens cristãos e das mulheres cristãs da aristocracia romana e os múltiplos favorecimentos existentes entre eles.

Clark reflete a respeito dos argumentos e de práticas de ascetismo em Jerônimo e João Crisóstomo, que tinham como propósito a intensa luta contra as realidades consideradas carnavais e sexuais. Mas, por outro lado, ela entende que Agostinho tinha uma postura diferenciada desses dois primeiros autores eclesiásticos ante as relações maritais, sexuais e reprodutivas. Desse modo, nesse trabalho, embasada nos escritos desses Padres da Igreja, Clark objetiva entender quais seriam os fatores que

¹⁵ Nos anos 1960, na América do Norte, na University of Mary Washington, Elizabeth Clark foi uma das primeiras professoras a ofertar um curso (uma disciplina) no Ensino Superior sobre a temática “Mulher e Religião”.

explicam a diferença de postura de Jerônimo e João Crisóstomo e de Agostinho de Hipona.

De igual modo, a teóloga alemã Uta Ranke-Heinemann¹⁶ escreveu *Eunuchen Für das Himmelreich: Katholische Kirche und Sexualität*, inicialmente publicado em 1988 – editado em português com título *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Assim, provavelmente esse trabalho foi motivado pelas suas reflexões em torno da sexualidade cristã e de sua desavença com a teologia moral, dogmática e tradicional católica, no decorrer dos anos de 1980. Nessa obra, Ranke-Heinemann realiza duras críticas a respeito da moral sexual existente no Cristianismo católico. Tal empreendimento foi fundamentado em fontes cristãs e não cristãs. A autora aborda de maneira sistemática uma ampla temática acerca da sexualidade católica, em seu processo de construção histórico-cultural, desde os tempos de Jesus de Nazaré até a época de escrita do livro.

Ranke-Heinemann trata, nesse livro, dos seguintes conteúdos: pessimismo sexual, tabu, virgindade, continência sexual, celibato clerical, mulheres cristãs, Padres da Igreja, contracepção, monges e monjas, casamento, misoginia, teologia moral, homossexualidade, aborto, incesto etc. Também, quando a autora realiza um recorte temporal, no período da Antiguidade cristã, tece múltiplas ponderações a respeito da visão de sexualidade dos Padres Latinos – exclusivamente Agostinho de Hipona. Para esse autor cristão ela dedica uma seção específica para questionar e discutir sua ótica e moral sexual. Ademais, de maneira interessante, Ranke-Heinemann reflete sobre as mulheres cristãs continentais no Império Romano na Antiguidade Tardia e a ameaça que elas foram para os homens cristãos da comunidade católica daquele tempo.

¹⁶ Ainda podemos destacar que, quando Uta Ranke-Heinemann realizou seu doutoramento, em Munique, na área da teologia católica, em 1954, não existiam mulheres com esse título e, igualmente, ela foi a primeira professora de teologia dentro das Universidades Católicas, nos anos 1970. Além do mais, nos anos de 1980, Ranke-Heinemann teve divergências teológicas e dogmáticas com a Igreja Católica, o que resultou em seu processo de excomunhão – esse desacordo teológico foi fruto das pesquisas e análises dos comportamentos sexuais nas manifestações cristãs, em especial, nos textos bíblicos. *Grosso modo*, para ela “[...] Maria foi transformada numa virgem perpétua porque a virgindade era muitíssimo valorizada [...]” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 74).

Outrossim, como consequência de sua investigação de doutoramento, no campo de estudo da história das experiências cristãs e das mulheres na Antiguidade¹⁷, a espanhola Mercedes Serrato Garrido publicou o livro *Ascetismo Femenino em Roma: Estudios sobre San Jerónimo y San Agustín*, em 1993. Podemos testificar que a referida autora, nas últimas décadas, dedicou-se intensamente em dirigir seu olhar investigativo para o feminino e a vida monástica nas experiências cristãs na Antiguidade Tardia.

Nesse empreendimento, tendo como fundamento os Padres da Igreja – Jerônimo e Agostinho –, Serrato Garrido refletiu a respeito da ascese, monasticismo e as práticas de renúncia sexual feminina. A autora abordou os pilares essenciais do ascetismo ocidental, as influências perante as experiências religiosas não cristãs, pensou sobre a vida monástica das mulheres romanas e a percepção do monge Jerônimo e o bispo Agostinho em torno do monacato feminino. Serrato Garrido utiliza uma significativa bibliografia, literaturas clássicas estrangeiras, a respeito da temática, e utiliza as fontes produzidas por autores cristãos, em especial, o bispo de Hipona e o monge de Estridão. No entanto, percebemos que a autora realizou um estudo profundamente factual, não problematizou as fontes e não levou a cabo relevantes comparações entre o olhar de Jerônimo e Agostinho ante o feminino e/ou monacato das mulheres.

Em outras palavras, entendemos que alguns pontos que consideramos importantes não foram tratados por Serrato Garrido, principalmente por não questionar as fontes e nem executar as devidas comparações. Por fim, verificamos que a autora privilegiou a análise das fontes escritas por Jerônimo em detrimento daquelas elaboradas por Agostinho e, no decorrer de todo trabalho, temos uma ausência de um consistente aporte teórico-metodológico e, portanto, sua adequada aplicação.

Aqui no Brasil, no presente século, existe a tese de doutorado intitulada *A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho séc. II-V d.C.*, escrita por Silvia Márcia Alves Siqueira e defendida em 2004. A autora abordou de forma promissora a história das mulheres cristãs

¹⁷ Na segunda parte da década de 1980, Mercedes Serrato Garrido realizou seus estudos de doutorado na Universidade Espanhola de Cádiz e defendeu sua Tese em outubro do ano 89.

nos primeiros séculos – não somente as seguidoras dos Cristianismos, mas as mulheres politeístas/pagãs e judias. Fundamentada em fontes de Tertuliano, Agostinho e Jerônimo. Silvia Siqueira analisa como foi pensado por esses autores o gênero feminino – a virgem, a viúva, a continente e a casada –, portanto, chegamos a testemunhos de como seria o comportamento de determinado grupo de mulheres inserido nas experiências religiosas cristãs. Entretanto, pensamos que a referida autora deixou de realizar com maior profundidade comparações sobre os pontos de vistas desses autores e de maneira incipiente aplicou a categoria de gênero.

Por fim, apresentamos os trabalhos fruto de nossas pesquisas em torno de Agostinho e o gênero feminino, na década de 2010. A respeito dessa temática elaboramos e publicamos os seguintes artigos: *Testemunho de Agostinho e Jerônimo sobre as Mulheres na Antiguidade Tardia a partir de missivas cristãs* (2016) e *Agostinho de Hipona e os discursos ascéticos e de gênero nos tratados De Bono Conjugali e De Sancta Virginitate* (2018). Nesses trabalhos, abordamos e problematizamos as representações do feminino e elaboração de papéis sociais de homens e mulheres em Agostinho de Hipona, em algumas obras produzidas na Antiguidade Tardia no Império Romano Ocidental.

Outrossim, escrevemos e lançamos o capítulo de livro intitulado: *Agostinho e as representações de gênero nas missivas às mulheres da aristocracia romana Ocidental na Antiguidade Tardia* (2020), onde abordamos questões de gênero em algumas cartas do bispo Hiponense. Dentre as cartas analisadas de Agostinho destacamos a remetida à Ecdícia – Epístola nº 262 – que tem como tema os deveres matrimoniais de uma matrona casada que optou pela prática de continência e renúncia sexual, mas foi assolada com o discurso misógino do Hiponense.

Ao projetar o feminino nas cartas, o bispo Agostinho comungou do conjunto de ideias existentes em seu tempo a respeito do gênero feminino, pois entendia que as mulheres, por uma espécie de ordenamento natural, estariam submissas aos varões e o corpo feminino era o ponto central e particular de sua inferioridade. Por conseguinte, Agostinho de Hipona, sendo uma autoridade eclesiástica cristã, um romano e um homem de seu tempo, não fugiu dessas estruturas

androcêntricas e de dominação masculina, como percebemos nos textos das cartas¹⁸.

Além do mais, recentemente elaboramos o livro intitulado *As matronas da Antiguidade Cristã: um estudo comparado das representações de gênero nas obras de Jerônimo e Agostinho (390-420 E.C.)*. Essa obra foi fruto de nossa pesquisa de doutoramento em História Comparada, realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre os anos 2014-2018. Destarte, de uma forma mais detalhada e aprofundada refletimos em torno do bispo Agostinho – em *De Bono Conjugali* e *De Sancta Virginitate* –, em que se compilou relevantes projeções e hierarquias de gênero (visão que consideramos ponderada). Ainda, entre os anos 380 e 420, Agostinho escreveu e endereçou epístolas para o gênero feminino aristocrático romano e, em tais empreendimentos, foram construídas interessantes representações das mulheres honradas e virtuosas para aquela sociedade masculinizada e, portanto, fizemos análise retórica e comparada dessas referidas fontes.

Referências

- AGUSTÍN, S. *Obras Completas de San Agustín*. Cartas (1º). vol. VIII. Edición bilingüe. Traducción de Lope Cilleruelo. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986.
- AGUSTÍN, S. *Obras de San Agustín*. Cartas (2º). vol. XI. Edición bilingüe. Preparada por Lope Cilleruelo. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1953.
- AGUSTÍN, S. *Obras completas de San Agustín Xib: Cartas (3º)*. Edición bilingüe. Traducción de Lope Cilleruelo y Pío de Luis y notas por Pío de Luis. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991.
- AGUSTÍN, S. *Obras completas de San Agustín: Tratados morales*. vol. XII. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007.
- ALEXANDRINA DA SILVA, R. Das comunidades a Roma: o feminino nas comunidades gnósticas e o processo de segregação sexual entre

¹⁸ COELHO, F. S. Testemunho de Agostinho e Jerônimo sobre as Mulheres na Antiguidade Tardia a partir de missivas cristãs. *Revista Ágora*, v. 23, p. 88-100, 2016.

- os proto-ortodoxos (séculos I-IV). *Romanitas* – Revista de Estudos Grecolatinos, Vitória, n. 6, p. 39-57, 2015.
- BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- BROWN, P. *Santo Agostinho: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- CAPANAGA, V. *Agustín de Hipona: Maestro de la conversión cristiana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1974.
- CHADWICK, H. *Augustine of Hippo: a life*. New York: Oxford University, 2009.
- CLARK, E. A. Ascetic Renunciation and Feminine Advancement: A Paradox of Late Ancient Christianity. *Anglican Theological Review*, Chicago, n. 63: 240-257, p. 175-208, 1981.
- CLARK, E. A. Friendship Between the Sexes: Classical Theory and Christian Practice. In: CLARK, E. A. *Jerome, Chrysostom, and Friends: Essays and Translations, Studies in Women and Religion*. New York/Toronto: Edwin Mellen Press, 1979, p. 35-106, 1979.
- CLARK, E. A. *History, Theory, Text: historians and the linguistic turn*. Cambridge and London, Harvard University, 2004.
- CLARK, E. A. Theory and Practice in Late Ancient Asceticism: Jerome, Chrysostom, and Augustine. *Journal of Feminist Studies in Religion*, Vol. 5, No. 2, p. 25-46, 1989.
- CLARK, E. A. Women, Gender, and the Study of Christian History. *The American Society of Church History*, Florida, vol. 70: 3, p. 395-426, 2001.
- COELHO, F. S. Agostinho de Hipona e os discursos ascéticos e de gênero nos tratados *De Bono Conjugali* e *De Sancta Virginitate*. *Hélade*, v. 4, p. 72-90, 2018.
- COELHO, F. S. Agostinho e as representações de gênero nas missivas às mulheres da aristocracia romana Ocidental na Antiguidade Tardia. In: FELDMAN, S. A.; TOMAZELLI, R.; MÜLLER, C. L F. L. F. (Org.). *Identities e Alteridades no contexto tardo antigo e medieval*. Vitória: Milfontes, 2020, p. 45-66.
- COELHO, F. S. *As matronas da Antiguidade Cristã: um estudo comparado das representações de gênero nas obras de Jerônimo e Agostinho (390-420 E.C.)*. São Paulo: Dialética, 2021.

- COELHO, F. S. Testemunho de Agostinho e Jerônimo sobre as Mulheres na Antiguidade Tardia a partir de missivas cristãs. *Revista Ágora*, v. 23, p. 88-100, 2016.
- COOK, W.; HERZMAN, R. Los Padres de la Iglesia Latina: Jerónimo y Agustín. In: COOK, W.; HERZMAN, R. *La visión medieval del mundo*. Barcelona: Vicens-Vives, 1985. p. 89-113.
- DE LUÍS, P. Introducción, versión, bibliografía y notas. La Santa Virginitad. In: AGUSTÍN, S. *Obras completas de San Agustín: Tratados morales*. v. 12. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 658-770.
- DI BERARDINO, A. (Org). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 1427.
- HAMMAN, A. G. *La Vita Quotidiana Nell’Africa di Sant’Agostino*. Milano: Jaca Book, 1989.
- HAMMAN, A. G. *Santo Agostinho e seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- INGLEBERT, H. Peter Brown. In: SALES, V. (Org.). *Os historiadores*. São Paulo: Unesp, 2011, p. 393-409.
- LUIS LARRABE, J. *El matrimonio cristiano y la familia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986.
- MADRID, T. C. Introducción. In: *Obras completas de San Agustín: Escritos antipelagianos (3º)*. v. 35. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984, p. 234-239.
- MARCOS SANCHEZ, M. M. *Las Mujeres de la Aristocracia Senatorial en la Roma del Bajo Imperio (312-410)*. Tesis Doctoral – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Cantabria, Santander, 1990.
- MARKUS, R. A. *O Fim do Cristianismo Antigo*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MARROU, H. I. *Santo Agostinho e o agostinismo*. São Paulo: Agir, 1957.
- MARROU, H. I. *Sant’Agostino e la fine della cultura antiga*. Milano: Jaca Book, 2016.
- PAGELS, E. *Adam, Eve and the Serpent: Sex and Politics in Early Christianity*. New York: Vitange Books, 1989.
- RANKE-HEINEMANN, U. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1996.

- RODRÍGUEZ DÍEZ, J. Introducción, revisión, bibliografía y notas. La bondad del matrimonio. In: AGUSTÍN, S. *Obras completas de San Agustín: Tratados morales*. v. 12. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 544-690.
- ROUSSELLE, A. *Pornéia: sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SALISBURY, J. E. The Latin doctors of the Church on sexuality. *Journal of Medical History*, London, 12, 4, 279-289, 1986.
- SALISBURY, J. E. *Pais da Igreja, Virgens independentes*. São Paulo: Scritta, 1995.
- SERRATO GARRIDO, M. *Ascetismo Femenino en Roma: Estudios sobre San Jerónimo y San Agustín*. Cádiz: Universidad de Cadiz, 1993.
- SIQUEIRA, S. M. A. *A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho séc. II-V d. C.* (Tese de doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.
- TRAPÈ, A. *S. Agostino: L'uomo, il pastore, il místico*. Fossano: Esperienze, 1976.
- VAINFAS, R. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus: 2002.

Submetido em: 29/01/2022

Aprovado em: 20/06/2022